

São Paulo

2010

© 2010 – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte/Universidade de São Paulo

Rua da Reitoria, 109 A

05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.Fax.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

ISBN 978-85-7229-046-3



9 788572 290463

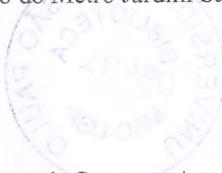
Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Lourival Gomes Machado do
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Arte, cidade e meio ambiente / coordenação geral Elza Ajzenberg e Kabengele Munanga. São Paulo : PGEHA / Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2010.

493 p. ; il.

ISBN 978-85-7229-046-3

Capa: Maria Bonomi,
A Construção de São Paulo, 1998
Estação do Metrô Jardim São Paulo



A presente documentação é um desdobramento do Congresso Arte, Cidade e Meio Ambiente, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2009, no auditório da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade e na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo e pelo Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes – ECA USP

Entre exposições de arte, as ruas da cidade e as memórias pessoais – reflexões acerca de um programa socioeducativo para adultos do MAC USP

Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella

Mestranda em Educação – Linha: Psicologia e Educação – Faculdade de Educação da USP. Educadora do MAC-USP

Ricardo Neves Streich

Graduando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Estagiário da DTCEA do MAC-USP pela Pró-Reitoria de Graduação da USP

DEDALUS - Acervo - MAC



21500008632

Se um dia eu estiver andando por aqui, no meu trabalho como catadora, vão me deixar entrar?

Depoimento de senhora em situação de moradora de rua à educadora, em 2003.

O *Viva Arte!* é um programa de inclusão socioeducativa e cultural da Divisão Técnico-científica de Educação e Arte do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Criado em 2006, atualmente oferecido como curso de Difusão Cultural pela Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, tem como principal objetivo ampliar o repertório cultural e estético dos participantes, com foco na produção artística em artes visuais. O público-alvo do curso são adultos integrantes de ONGs e demais organizações ligadas às áreas social ou de saúde, nas quais realizam práticas artísticas, seja em oficinas de geração de renda ou de terapia ocupacional. Participam, no momento, 25 pessoas, entre assistidos, educadores sociais e funcionários da saúde, estes convidados a integrarem o grupo como multiplicadores, porém com o objetivo de acompanhamento psicossocial dos que dele necessitam.

Ampliar o repertório estético pressupõe estimular a autonomia¹ dos participantes no que tange a visitas e à fruição de exposições e bens patrimoniais de instituições culturais da

1. O objetivo do programa é “atravessar junto a rua, até que o façam sozinhos com segurança, ao invés de mostrar-lhes como é que se atravessa”. Frase inesquecível pronunciada à educadora Andrea quando funcionária de outra instituição, o Itaú Cultural, pela gerente do Núcleo de Educação, Flávia Aidar, que presidia as reuniões gerais de equipe tornando esses momentos de avaliação da produção, momentos reais de aprendizagem.

cidade de São Paulo. É por isso que os encontros não são planejados apenas com referência ao acervo e às exposições do MAC-USP, mas a partir de temas motivadores que são relacionados às experiências e memórias individuais dos participantes, e desdobrados em visitas a locais da cidade (ruas, viadutos, praças) e a instituições que o abordem em sua programação durante o ano letivo, além de gerar propostas de atividades realizadas no ateliê do MAC-USP, sede Ibirapuera, e arredores do Parque do Ibirapuera.

Questiona-se, então, a tradicional relação professor-aluno, em que o primeiro é entendido como mero recipiente no qual o professor deposita seus conhecimentos. Além disso, esse modelo tradicional é respaldado, na maioria das vezes, por instituições educacionais que orientam suas atividades apoiadas em concepções demasiadamente técnicas a fim de atender as demandas sociais mais imediatas – como a inserção no mercado de trabalho. Quando a educação se limita à preparação para o mercado de trabalho, é perdido o caráter formativo e experimental² dos processos educacionais.

No mundo da racionalidade técnica, o saber institucionalizado, do qual o maior representante é a escola, cumpre o papel de interiorizar os valores. Esse processo “exclui a esmagadora maioria da humanidade do âmbito da ação como *sujeitos*, e condena-os, para sempre, a serem apenas considerados como *objetos* (e *manipulados* no mesmo sentido) em nome da suposta superioridade da elite: “meritocrática”, “tecnocrática”, “empresarial”, ou que quer seja” como nos alerta contundentemente Meszáros.³

Ainda assim, como o próprio autor nos lembra apoiado nas palavras de Paracelso, “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa 10 horas sem nada aprender”.⁴ Se a maioria das experiências constitutivas dos indivíduos permanecerá sempre fora do âmbito do controle e da coerção das instituições formais, haverá sempre disputa e transgressão. Assim o controle total, tal qual o pesadelo da obra literária 1984, de George Orwell, nunca acontecerá. Nesse sentido, a educação não formal e a informal, sem anos letivos e currículos determinados, adquirem força e são atuantes desde o nascimento até as idades mais avançadas.

Portanto, valorizar os saberes prévios e pautar os processos educativos no “saber da experiência” de Bondía, em última instância, são escolhas de implicações políticas por permitirem vislumbrar possibilidades, além de se gestar experiências, para transformações sociais radicalmente democráticas.

A escolha do perfil do público-alvo também se guia por esses princípios, uma vez que o museu de arte público cumpre seu papel ao estimular novas percepções e difundir conhecimento.

2. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça”, nos aponta Bondía no artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, publicado em 2002 na Revista Brasileira de Educação n. 19 (p.21).

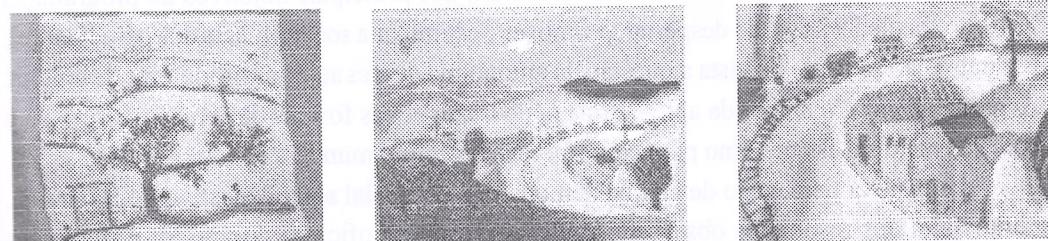
3. MESZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 49.

4. Id., ibid., p.47.

mentos para pessoas que já realizam práticas que incluem elementos formais das artes visuais (cores, composição, desenho, entre inúmeros outros), sempre procurando respeitar os conhecimentos prévios dos participantes ainda que estes não sejam considerados eruditos pelos especialistas. O processo de troca, entre os alunos e entre aluno-professor, estimula novas elaborações e criações no fazer habitual que interessa a cada um dos participantes. O planejamento se faz indispensavelmente flexível.

Gostaríamos de lhes apresentar – não por questão de seleção, mas de falta de espaço para essa conversa em laudas finitas – e dividir as experiências vividas e proporcionadas por alguns participantes do programa *Viva Arte!*.

Em termos práticos, mensuráveis nas atividades e produtos criados após o convívio com os trabalhos do grupo, já se pode observar que certos temas recorrentes, como flores, antes tratados de modo estereotipado, estão sendo reformulados a partir dos exercícios realizados durante as aulas. Além do mais, as memórias individuais começam a aparecer.



A senhora que realizou os trabalhos acima nos conta muitas histórias. Histórias registradas a partir de suas lembranças de infância, com a finalidade de dividi-las com os familiares, como as duas últimas imagens acima que fazem referência à casa de seus pais, no interior de Sergipe, bordada para mostrar ao sobrinho. Da primeira imagem acima, outra lembrança surgiu: do pé de goiaba e da “cisterna”, como nomeia o poço.

Lembranças iniciadas pelo desenho dessa mesma cidade, registrada no percurso de trem em São Paulo, de onde mora ao centro da cidade. Desenho que, timidamente, sentiu vergonha em nos mostrar, em seu caderninho de registros. Caderno espontaneamente preenchido por ela, por este recurso que é muito solicitado em vários cursos de graduação em artes visuais.

Na educação em arte, o fazer artístico proporciona o viver a experiência. Lidar com o imprevisível, com todas as possibilidades do imaginário, torná-lo palpável e discuti-lo com os colegas, num processo de avaliação que visa à consciência e socialização, são práticas às quais os integrantes vão aos poucos se familiarizando. De tempos em tempos, uma apresentação nos surpreende pelos relatos compartilhados de suas memórias, desejos, enfrentamentos, conquistas.

nas com referências
tivadores que são
e desdobrados em
o abordem em sua
realizadas no ateliê

o primeiro é entendimento. Além disso, ições educacionais e técnicas a fim de mercado de trabalho, é perdido o caráter

do qual o maior processo “exclui e condena-os, para mesmo sentido) em ‘, ‘empresarial’, ou

ras de Paracelso, “A de fato quase até as experiências constitui e da coerção do controle total, tal qual o esse sentido, a educos, adquirem força e

cavativos no “saber das políticas por permitir informações sociais
princípios, uma vez que e difundir conhecimento

que se passa, não o que quase nada nos acontece aponta Bondi no artigo Brasileira de Educação, 5, p. 49.

Também recorrendo a imagens advindas da memória pessoal, há o exemplo do trabalho realizado por uma outra participante do CECCO Ibirapuera.⁵ Ela representou em bordados os bichos de estimação de sua juventude vivida em Angola, quando criava os filhotes órfãos de animais selvagens abatidos para comércio ilegal. Seu trabalho anterior, que nos foi apresentado recentemente em imagens fotográficas, exemplifica a busca por representações comerciais, diferente das que está desenvolvendo atualmente em seus produtos, como palhaços e flores nada peculiares.

Ainda que o curso não se proponha apenas a desenvolver técnicas artísticas, é preciso salientar que as pesquisas e experimentações estéticas facilitam os processos de compreensão da arte e do mundo. Trabalhos de caráter mais prático se fazem presentes pela experiência que favorece e os aproxima da compreensão do patrimônio das instituições, mas gera apropriações e criações pessoais, pois para muitos dos participantes, a produção que tangencia fazer artístico poético, no cotidiano, tem papel de gerar renda ou de terapia ocupacional (saúde).

Se por um lado a convivência favorece um dos principais objetivos do programa, a inclusão socioeducativa, ao despertar, promover e estimular a sociabilidade dos participantes, por outro não se perde de vista a questão da autonomia desses sujeitos produtores de cultura. Acredita-se que a melhora da auto-estima pode trazer novas formas de percepção de si para com sua história, assim como para com sua relação com o mundo e com os outros.

Uma nova percepção de si, que demonstra o potencial socioeducativo do programa, muito além dos resultados observados pelas práticas nas oficinas do museu. É o que nos mostra o exemplo de um integrante da Associação Minha Rua Minha Casa.⁶ Segundo depoimento oral da educadora social responsável pela oficina-escola da AMRMC, após as atividades no programa, o participante motivou-se a buscar cursos de alfabetização. Além disso, sua apresentação (higiene pessoal) mudou e foi notada por integrantes do grupo durante o decorrer do curso, em claro reflexo de elevação de sua auto-estima.

A construção coletiva de conhecimento, a busca pela elevação da auto-estima e a subsequente melhora da sociabilidade são resultados percebidos ao longo da convivência de 2 anos com o grupo. Esses resultados não são tão facilmente mensuráveis pelas técnicas dos cálculos estatísticos que, muitas vezes, norteiam as políticas públicas. Por isso, se a extensão universitária é entendida como um dos três alicerces que sustentam a Universidade de São Paulo, programas como o *Viva Arte!* são fundamentais. Aqui, o diálogo com a comunidade que está fora dos muros da Universidade transcende a mera contemplação, ao respeitá-la como sujeito. Assim, acreditamos realizar o caráter público da Universidade de São Paulo.

5. O Centro Comunitário e Cooperativa, criado há 18 anos, pertence à Secretaria Municipal de Saúde, uma das instituições parceiras mais presentes e atuantes no programa.

6. Centro de Referência no Centro de São Paulo que acolhe e encaminha aos serviços públicos, adultos em situação de moradores de rua.

Referências bibliográficas

- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n.19, jan/abr 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MUÑOZ, J. V. *População adulta de rua: uma proposta de metodologia socioeducativa*. Rio de Janeiro: Nova-Pesquisa e Assessoria em Educação, 1997. (Coleção Textos em Debate: 2).